

# Sete mundos d'água: o tempo canalizado

Laura Tomiatti

**Orientação:** Profa. Joana Barossi (Escola da Cidade).

**Pesquisa:** Trabalho de Conclusão de Curso, Escola da Cidade, 2019.

Esse ensaio é uma ramificação do livro "Sete mundos d'água: histórias imaginadas sobre tempo-espacos reais", produzido em 2019 como trabalho de graduação para a Escola da Cidade e orientado por Joana Barossi. A pesquisa parte de duas premissas: a primeira, de que **tempo** e **espaco** são forças interdependentes e indissociáveis; e a segunda, de que a noção de tempo-espaco é múltipla, e essas diferentes formas de lidar com o tempo podem gerar diferentes espacos. A partir disso, o livro apresenta sete capítulos inspirados em sete expressões de tempo

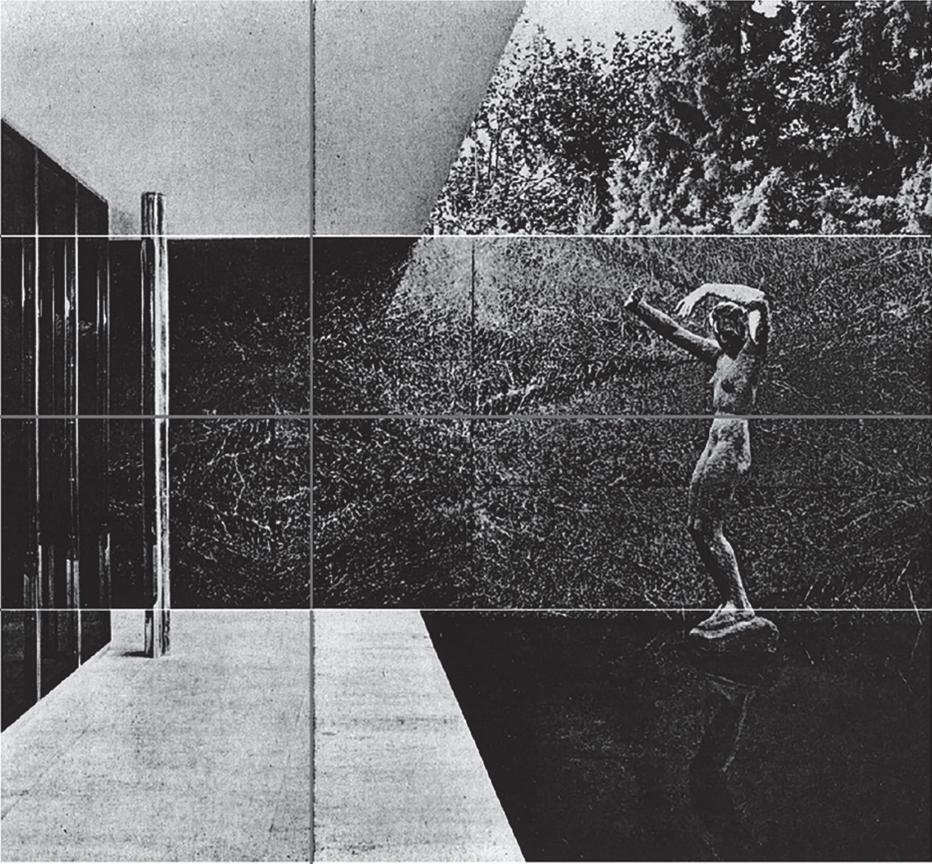
predominantes. No fluir das histórias imaginadas, desaguam reflexões sobre nossa relação com o tempo. Como lidamos com o tempo ao criarmos espacos? Se desenhamos cidades, desenhamos tempos? Quantos espacos existem no nosso tempo e quantos tempos no nosso espaco? O ensaio apresentado aqui é uma adaptação do capítulo "Canal", que abre o percurso do livro a partir da ideia de tempo linear, cronológico e progressivo. À margem do rio, aonde é possível molhar o pé antes de arriscar um mergulho mais profundo.

## Seven worlds of water: the channeled time

This essay is a branch of the book *Sete mundos d'água: histórias imaginadas sobre tempo-espacos reais*, produced in 2019 as an Undergraduate Final Project for *Escola da Cidade* and supervised by Joana Barossi. The research has two premises: the first is that **time** and **space** are interdependent, inseparable forces; the second is that the notion of time-space is multiple, and that different ways of dealing with time may be able to design different spaces. The book presents seven chapters inspired by seven predominant expressions of time. Thoughts about our relation with time flow through imaginary tales. How do we deal with time when creating spaces? If we design cities, do we design time? How much space is there in our time and how much time is there in our space? This essay is an adaptation of the chapter "Channel", which opens the book's journey with the idea of linear, chronological, and progressive time. At riverside, where it is possible to wet your feet before risking a deeper dive.

## Siete mundos de agua: el tiempo canalizado

Este ensayo es una ramificación del libro *Sete mundos d'água: histórias imaginadas sobre tempo-espacos reais*, producido en 2019 como trabajo de grado para la *Escola da Cidade* y orientado por Joana Barossi. La investigación parte de dos premisas: la primera de que el **tiempo** y el **espacio** son fuerzas interdependientes e inseparables; y la segunda de que la noción de espacio-tiempo es múltiple, y esas diferentes formas de tratar con el tiempo pueden generar diferentes espacos. A partir de eso, el libro presenta siete capítulos inspirados en siete expresiones de tiempo predominantes. En el flujo de los cuentos imaginados, vierten reflexiones sobre nuestra relación con el tiempo. ¿Cómo resolvemos con el tiempo cuando creamos espacos? ¿Si dibujamos ciudades, dibujamos tiempos? ¿Cuántos espacos hay en nuestro tiempo y cuántos tiempos hay en nuestro espaco? El ensayo presentado aquí es una adaptación del capítulo "canal", que abre el recorrido del libro con la idea del tiempo lineal, cronológico y progresista. La orilla del río, donde es posible mojar el pie antes de arriesgarse a una inmersión más profunda.



## **CANAL**

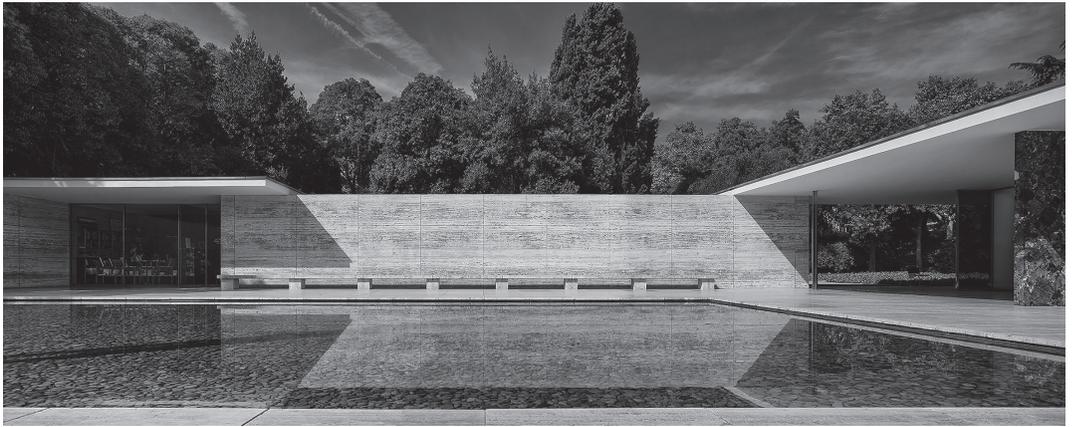
O rio canalizado nasce de uma vontade humana, de uma imposição. Quando retificado, perde seus meandros e devaneios, é só certeza. Frequentemente inunda, apagando o que há em volta.

A perspectiva de um tempo-espaço linear e cronológico é atribuída às sociedades ocidentais originadas do pensamento judaico-cristão: “[na representação temporal judaica] o tempo flui sobre uma linha reta que avança do começo para o fim e com uma forte natureza direcional” (KATO, 2012, p.29). É a seta em direção ao futuro, sempre rumando para algum tipo de progresso. De certa forma, isso gerou a ideia de projeto. Não apenas espaços projetados, mas espaços que projetam. Espaços de constante desenvolvimento, crescimento, desdobramento, elevação, evolução, ascensão, progresso, avanço, prosperidade.

Esse tipo de movimento só é possível com a criação de uma direção e de um referencial de partida, ou seja, com a definição do que está atrás. Assim surge a conotação negativa das palavras “atrás”, “abaixo” e “inferior”. Essas expressões da língua refletem como o entendimento do tempo-espaço vetorizado permeia todos os níveis de nossas relações sociais ocidentais.

Montados nessa seta, construímos e reconstruímos nossas grandes arquiteturas sempre com o material mais novo, a tecnologia mais avançada, esperando grandes coisas para o futuro. Mas no anseio pela escalada constante, a seta pode se tornar homogeneizante de tempos e espaços, atravessando subjetividades em uma ação devastadora dos pensamentos outros que não os que lhe deram vida.







## PERSPECTIVA E PROJETO

O pensamento humanístico, do qual a arte é parte essencial, modifica profundamente as concepções do espaço e do tempo. (ARGAN, 2003, p.131).

Talvez, como sugeriu Argan, o espaço-tempo tenha nascido no pensamento ocidental com a noção de perspectiva. Antes, quadros medievais apresentavam figuras chapadas sobre um fundo dourado absoluto. Sem referencial de profundidade ou de luz; portanto, sem espaço ou tempo. As motivações da vida eram outras e os dogmas, inquestionáveis.

Com a perspectiva surge a mobilidade. As imagens passam a ser inseridas em um lugar e em um tempo. Essa revolução dos Quatrocentos florentinos expressa o pensamento e a vontade humana que fundaram a Idade Moderna. As noções de espaço-tempo ocidentais europeias são filhas da razão; nasceram com direção, sentido e carregam a verdade.

Assim como as obras de artistas florentinos como Brunelleschi e Alberti, o Pavilhão de Barcelona, de Mies van der Rohe, exala valores intelectuais e morais pelos poros de seu mármore branco e geométrico em perfeitas proporções. É o traço do arquiteto — a pena que desenha o melhor jeito de viver. Espaços-monumentos, símbolos da razão. Feitos de pedra, para gravar no tempo os princípios modernos.

Donatello, escultor do Quatrocentos, luta contra o tempo indomado. Crava nas esculturas a luz e a sombra que deseja, controlando o movimento de suas obras pois, para ele, "movimento não é o movimento do cosmo, da luz ou do vento, mas o ato de uma vontade humana" (ARGAN, 2003, p.185).

O arquiteto mestre, assim como Donatello, é o responsável pelo desenho da luz nos espaços. As sombras não são projetadas pelo presente, sob o movimento da natureza; mas pelo passado, por um ato consciente do homem.



## **A RETA**

Ali se sentou o filho do arquiteto. Foi o primeiro.  
Ereto, em prumo, pra foto. É assim o jeito certo de sentar!

Depois, uma família: avô, pai e filhos.  
A mãe não se sentava.  
A avó sentava certo, mas pouco.  
O pai sentava sempre copiando a pose da foto, era homem moderno.  
Os filhos sentavam em pé, ou deitados, ou comendo biscoitos.

Por dois anos

não se sentou ninguém.

E então: os gatos.

Depois de dez anos, o velho morreu e o novo mandou embora os animais. Se sentava ele.

Casou.

Adotou trigêmeos que pintaram o concreto de verde

laranja

marrom.

O laranja ficou mais tempo e vendeu a casa para um casal de amigos. Escolheram um vaso para sentar ali.

O vaso quebrou e a casa foi vendida mais quatro ou cinco vezes.

Até que a casa quebrou.

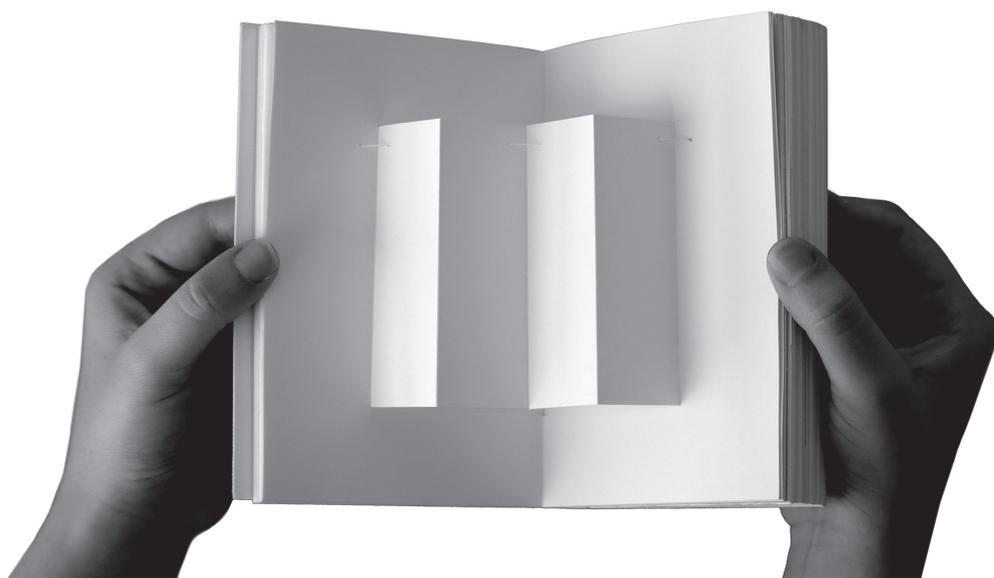
Agora sentam pedaços de forro e telhas partidas.

Sentam errado.

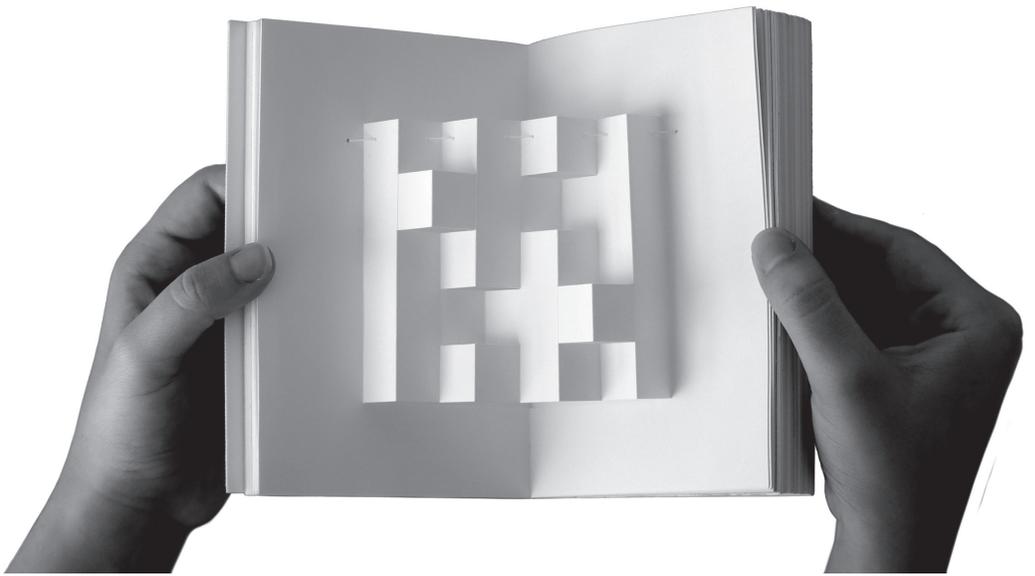


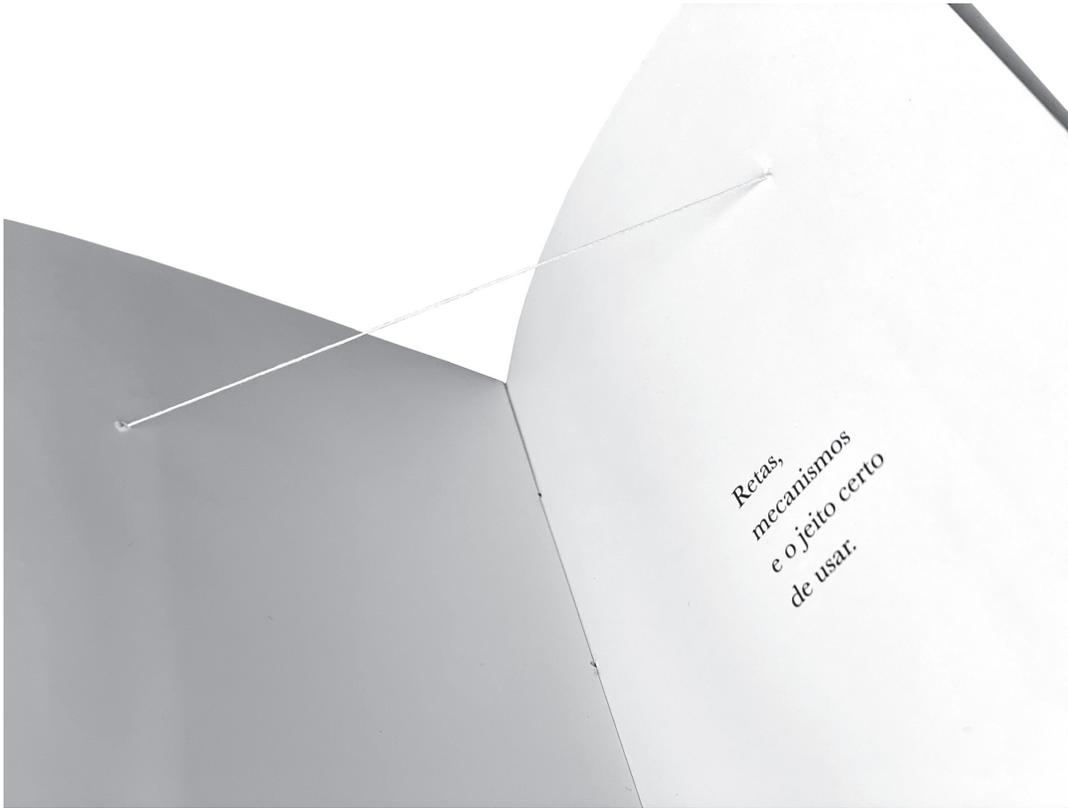
## **COZINHA DE FRANKFURT**

Retas,  
mecanismos  
e o jeito certo  
de usar.









Retas,  
mecanismos  
e o jeito certo  
de usar.



Retas,  
mecanismos  
e o jeito certo  
de usar.

---

## NOTAS

1. Parte do conteúdo do livro "Sete mundos d'água: histórias imaginadas sobre tempo-espaço reais" foi adaptada para a plataforma online e se encontra disponível em: [setemundosdagua.com.br](http://setemundosdagua.com.br).

---

## CRÉDITO DAS IMAGENS

Simetria: Pavilhão de Barcelona. Foto de Eva Sópéoglou. Disponível em: [www.evasopeoglou.com/portfolio/symmetries-barcelona-pavilion/](http://www.evasopeoglou.com/portfolio/symmetries-barcelona-pavilion/). Acesso em: abr. 2020.

Pavilhão de Barcelona de Mies Van der Rohe. Foto de Gili Merin. Disponível em: [www.archdaily.com/109135/ad-classics-barcelona-pavilion-mies-van-der-rohe](http://www.archdaily.com/109135/ad-classics-barcelona-pavilion-mies-van-der-rohe). Acesso em: abr. 2020.

Pavilhão de Barcelona de Mies Van der Rohe. Foto de Cemal Emden. Disponível em: [divisare.com/projects/395780-ludwig-mies-van-der-rohe-cemal-emden-barcelona-pavilion](http://divisare.com/projects/395780-ludwig-mies-van-der-rohe-cemal-emden-barcelona-pavilion). Acesso em: 27 abr. 2020.

Alba (Dawn): escultura de Georg Kolbe no Pavilhão de Barcelona. Disponível em: [www.moderndesign.org/2012/03/mies-van-der-rohe-barcelona-pavilion.html](http://www.moderndesign.org/2012/03/mies-van-der-rohe-barcelona-pavilion.html). Acesso em: abr. 2020.

Mies Van der Rohe. Foto de Werner Blaser. Disponível em: [archtrends.com/blog/o-eterno-moderno/01-4/](http://archtrends.com/blog/o-eterno-moderno/01-4/). Acesso em: abr. 2020.

---

## REFERÊNCIAS

ÁBALOS, Iñaki. **A boa-vida**: visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

ARGAN, Giulio Carlo. O Quattrocentos. In \_\_\_\_\_. **História da Arte Italiana**: de Giotto a Leonardo (v.2). São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.129-189.

CRARY, Jonathan. **24/7**: o capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu, 2016.

KATO, Shuichi. **Tempo e espaço na cultura japonesa**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIGHTMAN, Alan. **Os sonhos de Einstein**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

---

## SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada pela Escola da Cidade em 2019.

[la.tomiatti@gmail.com](mailto:la.tomiatti@gmail.com)